

## REVEILLON DAS BARANGAS

Final de ano sempre me faz lembrar uma partida de futebol que acontecia na tarde do 31 de dezembro, na praia de Copacabana, em frente ao antigo cinema Rian, entre a Barão de Ipanema e a Constante Ramos, hoje um hotel de luxo.

Era um dia em que as turmas se confraternizavam. A turma da Barão, da Constante, da Bolívar, da Leopoldo, entre outras, se encontravam na praia e jogavam a última "pelada" do ano. Mas a grande sacada desse jogo, além do encontro da galera, era a vestimenta dos jogadores. Todos se vestiam de mulher, com direito a tudo.

O encontro começava lá pelas quatro horas da tarde. Era uma festa tradicional, com muita gente assistindo, inclusive muitos turistas do Brasil e estrangeiros. Na Barão, todos se encontravam devidamente "uniformizados". Alguns se transformavam em verdadeiras barangas, com vestidos antigos da mãe, soutien, meias-calça, baton, sombra, salto alto, perucas, todos os apetrechos que fazem uma mulher ficar mais bonita. O que não era o caso deles. E isso acontecia no final da década de sessenta e início da setenta. Uma antevisão das atuais "drag queens", sem nenhum charme, claro. O ano terminava, e não se sabe bem a razão, com os homens vestidos de mulher. E olha que alguns até ficavam "bonitinhos". Precisaria de um antropólogo, ou quem sabe um psiquiatra, para explicar essa catarse coletiva.

O importante era a confraternização, o encontro dos amigos, a despedida do Ano Velho e a chegada do Ano Novo. Jogava o pessoal mais velho das turmas, aqueles que estavam na adolescência, a partir dos 16, 17 e 18 anos. Os que estavam na faixa dos 10, 12, 13 anos, só podiam assistir.

A brincadeira começava no caminho para a praia. Aquele bando de homens, com pernas cabeludas, bocas, olhos e até unhas pintadas, assediavam os pedestres, abraçavam os homens, rejeitavam as mulheres, enfim, uma procissão de transformistas.

E o jogo começava. Evidentemente, as regras do futebol eram esquecidas, não havia times definidos, a bola era o que menos importava. Naquele momento, brincar era o mais importante. Todos os problemas, as mazelas, as alegrias e tristezas do ano que estava

terminando se concentravam ali, buscando uma nova energia para o ano novo. A praia lotava. Como era divertido. Saíamos cansados de tanto rir.

No futebol o mais importante é o gol, mas na "pelada" das barangas era o que menos importava. Atiravam-se no chão, davam chiliques, puxavam as perucas, uma grande caricatura das mulheres. Era absolutamente politicamente incorreto, mas eram outros tempos.

Eram tempos mais ingênuos. Ninguém brigava, as diferenças ficavam de lado, namoros aconteciam, outros reatavam, um belo exemplo de fraternidade.

Terminado o jogo, ou melhor, a festa, todos mergulhavam no mar, tiravam do corpo suas criações, limpavam um pouco o rosto das pinturas e iam tomar o inseparável chopinho, iniciando os preparativos da festa da noite. Não havia ainda os fogos de Copacabana e a praia ficava lotada à noite, principalmente os cultos-afro ali se reuniam para homenagear Iemanjá.

Não me lembro quando essa tradicional "pelada" começou, nem mesmo quando terminou, mas naqueles anos que pude assistir percebi a importância de se viver numa comunidade de amigos. Infelizmente, quando atingi a idade "permitida" para participar, os jogos não mais aconteciam e as barangas do Reveillon deixaram de desfilar pelas ruas de Copacabana.